

Indicadores mostram País mais 'preparado'

Nos EUA, a cada nova divulgação, números assustam os mercados internacionais

ANA CAROLINA SAITO E
ANNA LÚCIA FRANÇA
SÃO PAULO

A inflação cresceu, o desemprego aumentou e as vendas de Natal decepcionaram. Não, os dados acima não se referem ao Brasil, mas sim aos resultados da maior economia mundial no último ano, a norte-americana. As informações que por muito tempo, num passado bem próximo, ocuparam as manchetes dos jornais brasileiros, agora assustam a comunidade internacional. O temor de que o mau desempenho dos indicadores dos Estados Unidos venham a contaminar as esperanças brasileiras existe, mas, na avaliação de economistas e analistas ouvidos por este jornal, hoje, diferentemente das crises financeiras internacionais anteriores, o Brasil parece ter trunfos nas mãos, suficientes, inclusive, para atravessar um período de "chuva" sem se "molhar muito", segundo economistas brasileiros.

"Nossa vulnerabilidade desta vez é muito menor", diz Antonio Corrêa de Lacerda, professor de economia da PUC São Paulo. Segundo ele, nos últimos cinco anos o Brasil somou um superávit na balança comercial de US\$ 53 bilhões, ante um déficit de US\$ 114 bilhões registrados nos cinco anos anteriores a 2003. Produzindo superávit, reduzindo a dívida externa e aumentando reservas, o País tem hoje uma capacidade para enfrentar a crise dentro de uma situação mais favorável, diz. "O que não garante, porém, uma blindagem aos problemas externos, mas sim maior autonomia sobre a economia doméstica."

O Brasil se diferencia dos EUA também na área de crédito. Mes-

mo com aumento da oferta no País, inclusive para classes de menor poder aquisitivo, nem de longe há ameaças tão sérias sobre inadimplência. "Aqui o crédito representa cerca de 33% do PIB, enquanto lá supera 100%", diz.

"Os EUA estão passando pela perda de riquezas e insegurança em relação ao crédito. O Brasil, ao contrário, experimenta um cenário de crescimento robusto e aumento da confiança do consumidor", comenta o economista da LCA Consultores, Francisco Pessoa Faria.

Até mesmo os efeitos comerciais, com uma possível redução das vendas para os EUA também não assustam tanto como no passado. "Os norte-americanos, que já foram os maiores compradores de produtos brasileiros, hoje ocupam o terceiro lugar nas exportações nacionais", acrescenta Luís Afonso Lima presidente da Sociedade Brasileira de Estudos de Empresas Transnacionais e da Globalização Econômica (Sobeet).

A divulgação recente de indicadores de 2007 — que dão conta de um crescimento de cerca de 6% na indústria, 10% no comércio e 31% na geração de empregos formais em relação ao ano anterior — sinalizam que em 2008 os números devem continuar fortes para o Brasil. Em caso de agravamento da crise norte-americana, o País será afetado, mas a expectativa é de continue a apresentar boas taxas de crescimento. "Vamos ser menos afetados que no passado", afirma o economista da LCA.

O economista-chefe da Austing Rating, Alex Agostini, concorda que o Brasil experimenta um momento diferente das últimas crises. "O País está preparado, mas não está blindado", alerta, ressaltando que a bolsa caiu cerca de 10% em um mês. Agostini acrescenta que os EUA representam 20% da pauta de exportação brasileira. "Isso deve ter um

efeito, embora longe de um colapso", diz. A Austing prevê um crescimento de cerca de 1,5% neste ano nos Estados Unidos. Para o Brasil, a projeção é de uma expansão de 4,8% em 2008, ante estimativa de 5,3% no ano passado. "Vai reduzir um pouco. Primeiro, porque a base de comparação é maior, e também deve ter algum efeito dos EUA."

Mas há dúvidas sobre os impactos dos resultados ruins dos norte-americanos ou se o pacote de incentivos de cerca de US\$ 150 bilhões anunciado pelo presidente George W. Bush ajudará na retomada do movimento da economia daquele país. A reação negativa do mercado na última sexta-feira foi pela falta de detalhes sobre o pacote, afirma o economista da LCA. "O valor não é desprezível e é apenas um pedaço dos planos", diz, citando a ação do Banco Central norte-americano. "Claro que é uma ação positiva. Não resolve problema, mas, incluindo as ações do BC e do Tesouro, são as primeiras medidas para a crise não ganhar intensidade", completa Agostini, que prevê uma recuperação moderada a partir do segundo semestre.

A LCA trabalha com dois cenários diferentes para economia americana, "básico" e "adverso". Para consultoria, a probabilidade de um quadro adverso é menor, de 38%. Neste caso, os EUA fechariam o ano sem crescimento e o Brasil apresentaria uma expansão de 3,4%. "Se a desaceleração for forte, cresce a aversão ao risco. Há pressão sobre o câmbio", diz Faria. Com isso, a aposta é de que o BC brasileiro mantenha a taxa de juros básica em 11,25% e dólar a R\$ 2.

No cenário básico, com 62% das chances, a estimativa é de um avanço de 2% para os EUA e de 4,5% para o Brasil. E a expectativa é de uma redução da Selic no segundo semestre e dólar contado a R\$ 1,70 no final do ano.